



Comunicação no processo de democratização da sociedade: estudo sobre as rádios comunitárias na Guiné-Bissau

Mamadú Indjai¹

Igor Monteiro Silva²

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a atuação das rádios comunitárias no processo de democratização da sociedade guineense, e acerca de suas ações no desenvolvimento do país e na participação dos cidadãos nos espaços de contestação pública. Procurou-se mobilizar o entendimento de como a comunicação comunitária pode estimular a construção da cidadania, tendo como horizonte a emancipação social. A pesquisa se estrutura por uma metodologia qualitativa, mobilizada a partir da revisão bibliográfica e, sobretudo, da análise dos conteúdos, músicas e programas apresentados nas referidas rádios comunitárias guineenses.

Palavras-chave: Guiné-Bissau; Rádios comunitárias; Democratização.

Communication in the social democratization process: study on community radios in Guinea-Bissau

Abstract: *This paper aims to reflect on the role of community radio stations in the process of democratization of Guinean society, and on their actions in the*

1 Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) – mamaduintjai@gmail.com – <https://orcid.org/0000-0002-1561-051X>

2 Instituto de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) – igor.monteiro@unilab.edu.br – <https://orcid.org/0000-0003-3763-2442>

development of the country and in the participation of citizens in spaces of public contestation. It was sought to mobilize an understanding of how community communication can stimulate the construction of citizenship, with social emancipation as its the horizon. The research is structured by a qualitative methodology, mobilized from the bibliographic review and, above all, from the analysis of the contents, songs and programs presented in the referred Guinean community radio stations.

Keywords: *Guinea-Bissau; Community radio; Democratization*

La comunicación en el proceso de democratización de la sociedad: estudio sobre las radios comunitarias en Guinea-Bissau

Resumen: El presente trabajo tiene como objetivo reflexionar sobre el papel de las radios comunitarias en el proceso de democratización de la sociedad guineana, y sobre su accionar en el desarrollo del país y en la participación de la ciudadanía en los espacios de contestación pública. Se intentó movilizar la comprensión de cómo la comunicación comunitaria puede estimular la construcción de ciudadanía, con miras a la emancipación social. La investigación está estructurada por una metodología cualitativa, movilizada a partir de la revisión bibliográfica y, sobre todo, del análisis de los contenidos, músicas y programas presentados en las referidas radios comunitarias guineanas.

Palabras clave: Guinea-Bissau; radios comunitarias; Democratización.

1 - Estado e Democracia na Guiné-Bissau: Aspectos Históricos

A Guiné-Bissau fica situada na costa ocidental da África, fazendo fronteira com Senegal ao norte, Guiné-Conakry ao Leste e ao Sul e Oceano Atlântico a Oeste. O país tem uma superfície de 36.125km, dividida em oito regiões administrativas, sendo que, dentro delas, encontram-se subdivididas em trinta e oito setores administrativos e cento e três seções, e cerca de quatro mil e quinhentos tabancas (aldeias), conforme os dados do último censo realizado em 2009. O país se tornou independente em 24 de setembro de 1973. Sua independência foi proclamada de forma unilateral e reconhecida anos depois por Portugal no dia 10 de setembro de 1974, sendo o primeiro país da colônia portuguesa a se tornar uma república independente no PALOP³ (Teixeira, 2008).

3 PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa).

De acordo com Carlos Cardoso (1996: 13-14), as crises do final de década de 80 abalaram profundamente as estruturas políticas do país em termos econômicos, motivo pelo qual a Guiné-Bissau, como outros países, pediu ajuda junto às organizações financeiras internacionais, principalmente o FMI (Fundo Monetário Internacional) e o BM (Banco Mundial). Para esse autor, a crise do sistema socialista no ocidente nesse período levou os países ocidentais a criarem condições para que eles pudessem propagar a ideologia liberal, não só como “a única digna de crédito, como também o único modelo a seguir [...]”.

A partir desse período, Cardoso (1996: 14) explica que algumas figuras dos governos africanos concluíram que a falta de democracia e o sistema de partido único poderiam estar na base do insucesso nos sistemas econômicos até então existentes. Nesse contexto, a Guiné-Bissau, que também estava mergulhada nessa desastrosa política econômica, através de seus dirigentes, entendeu que estavam reunidas as condições para aderir aos princípios do liberalismo econômico e político. O país entrou no sistema multipartidário e instituiu o sistema democrático (democracia liberal).

Podemos dizer que, com a aderência dos programas de ajustamento estrutural, estavam postos os primeiros momentos de transição para a democracia. A nossa proposta de pesquisa é justamente compreender a transição democrática, ou democratização, como aquilo que Leonardo Avritzer (1995: 02) compreende como momento que constitui “o resultado de um *tradeoff* (ato de escolha), que permite aos atores sociais compensar a perda do controle sobre sua vida cotidiana através de mecanismos de limitação da operação do Estado e do Mercado”. Essa concepção nos permite realmente identificar espaços e autores que contribuíram/contribuem nesse processo.

Nesse sentido, a presente pesquisa se justifica no contexto sociocultural da Guiné-Bissau, considerando que o país tem um déficit de órgãos de comunicação social pública, sendo que os poucos meios de comunicação existentes não têm cobertura nacional. Portanto, as rádios comunitárias têm um papel importante nas comunidades onde se inserem, na distribuição das informações do centro para a periferia, além de se apresentarem como importante veículo não só de informação, mas, sobretudo, de comunicação dentro da comunidade.

As rádios comunitárias do país não são somente espaços de informação. Porém, são, sobretudo, de comunicação, entretenimento, educação, consolidação de ideias e de conscientização. Desta forma, a nosso ver, o estudo sobre as rádios comunitárias como forma de entender o processo de democratização da Guiné-Bissau se torna pertinente na medida em que, independentemente de ser uma nova forma de inclusão de novas perspectivas, e participante na análise do

processo de democratização, também pode resultar na melhor forma de compreender e pensar a democracia a partir da realidade do país.

2 - Rádios Comunitárias no Contexto da Guiné-Bissau

As rádios comunitárias representam hoje, na África, um dos meios mais eficazes na difusão da informação e comunicação nas comunidades urbanas e rurais, onde o rural não se apresenta só como alvo, mas sim como protagonista desse fluxo informativo e comunicacional dentro da comunidade. Nessa perspectiva, de acordo com os dados expostos no Plano Estratégico para as Rádios Comunitárias na Guiné-Bissau (Bussotti, 2014), através do Programa de Apoio aos Atores Não-Estatais, financiado pela União Europeia, as rádios comunitárias representam hoje os maiores e melhores meios para difundir a democratização, preservar a identidade cultural e a autoestima, servindo de plataforma de debate e de troca de ideias no seio da comunidade, com particular destaque para a África ocidental.

No entender de Tudesq (2002, apud Barros e Camará, 2015: 34), falar da comunicação na África é falar das rádios, principalmente comunitárias, pelo mecanismo que utilizam e as línguas que utilizam para que as mensagens atinjam aquela diversidade de populações existentes nessas comunidades.

No contexto dos países do PALOP, a Guiné-Bissau foi o primeiro país a dar início à experiência da rádio comunitária, em 7 de fevereiro de 1994, com a Rádio Voz de Quelele (RVQ). Segundo dados, até 2015, já existiam 35 rádios comunitárias (Lopes, 2015) nos diferentes cantos do país, oferecendo uma cobertura nacional. Independentemente da questão geográfica, uma das grandes novidades trazidas pelas rádios comunitárias foi a questão etnolinguística. As questões de localização, proximidade, uso do Crioulo e da maioria das restantes línguas nacionais em função de cada localidade faz das rádios comunitárias na Guiné-Bissau um instrumento de referência na mobilização da ação da sociedade civil.

De acordo com Barros e Camará (2015: 37-38), pelo fato dos meios de comunicação pública na Guiné-Bissau não terem sido capazes de responder às demandas das populações, devido às questões principalmente das línguas utilizadas na difusão das informações e à carência de meios modernos de comunicação, foram surgindo outros órgãos de comunicação, sendo um deles a rádio de comunicação comunitária, que veio a colmatar esse vazio deixado por meios de comunicação pública.

Para estes autores:

[...] “rádios privadas e comunitárias que atualmente têm uma cobertura de 89% a nível nacional, enquanto o acesso à internet é de 0,79%, e a rede móvel atinge

70,1% da população a nível nacional (Autoridade Reguladora Nacional da Tecnologia de Informação e Comunicação, 2012)” (Barros e Camará, 2015: 38).

Segundo os autores citados acima, antes de pensar no papel desempenhado pelas rádios comunitárias na Guiné-Bissau, é fundamental falar dos aspectos que definem seu perfil. Neste sentido:

Por ser o meio mais massificado, devido às questões não só da referida oralidade, mas também: ao analfabetismo; à falta de infraestrutura (em particular a energia elétrica); a ser um meio de baixo custo; à sua sustentabilidade, dado não exigir muito de uma população desprovida de poder de compra; a oferecer a possibilidade de uma escuta coletiva através de um único aparelho receptor; a alcançar todos membros da comunidade na sua própria língua e a ser simples de manejar” (Barros e Camará, 2015: 38-39).

Nessa mesma perspectiva, Paula (2010), em sua pesquisa sobre evolução do papel das rádios comunitárias enquanto instrumento de participação cívica na Guiné-Bissau, afirma que, na maior parte do país, sobretudo na zona sul, a rádio é o único meio de comunicação acessível para a população majoritariamente analfabeta.

O interesse por essa pesquisa surgiu justamente por essas questões, por entendermos que é um dos meios de comunicação, se não o único, desse caráter na Guiné-Bissau que proporciona um diálogo da maioria da população do país, e que permite efetivamente que exista o reconhecimento de práticas, experiências e saberes periféricos e subalternos, ou seja, superando essa não existência. Para nós, essa é uma forma de pensarmos novas possibilidades democráticas, uma perspectiva problematizadora da realidade, e as rádios comunitárias nos possibilitam esse entendimento, por ampliar as vivências e variedades de experiências, saberes e práticas sociais. Quando falamos de diálogo, estamos falando de um tipo de comunicação em que todos podem ser protagonistas.

3 - Comunicação Comunitária e as Possibilidades Democráticas a Partir do Cotidiano das Comunidades

O primeiro passo na busca e na compreensão dessa temática passa necessariamente pela discussão teórica sobre comunicação comunitária em geral, em específico as rádios comunitárias. A análise passa pela abordagem da comunicação comunitária e da democratização como forma de entendermos como as rádios comunitárias na Guiné-Bissau contribuíram, e contribuem, na democratização da sociedade e na consolidação da democracia no país. Não é o objetivo

enredar-nos sobre a discussão das diferentes percepções teóricas que diferenciam as definições de termos como comunicação popular, alternativo, participativo e comunitário. O objetivo é discutir a comunicação que é constituída pelas iniciativas populares e orgânicas aos movimentos sociais, que, de acordo com Peruzzo (2013a), são comunicações que vêm de experiências de comunicação participativa, dialógica, educativa, horizontal, comunitária ou radical.

Para a autora, a comunicação comunitária é

[...] uma forma de exercer o direito de comunicar na prática. Ajuda a construir processos – de comunicação grupal; interpessoal na coordenação de ação; de educação informal e não-formal de adolescentes e jovens; de autopromoção de mulheres; de organizações de trabalhadores rurais etc. e a de criar meios (canais) de comunicação, como jornalzinho, website, a rádio comunitária, o vídeo popular, o canal comunitário na TV a cabo [...] (Peruzzo, 2013: 168)

Apesar da percepção de que existem várias formas de comunicação (Peruzzo, 2013b) nos movimentos sociais no processo de mobilização, nosso foco é nas rádios comunitárias como mecanismo facilitador das lutas pela conquista dos direitos e na democratização e ação.

Peruzzo (1993) entende que as rádios, principalmente as comunitárias, extrapolam o cenário dos movimentos populares e se relacionam com públicos mais alargados. É nesse sentido que se propôs a estudar esse objeto, por ser uma ferramenta de comunicação de suma importância na Guiné-Bissau, mas com poucas pesquisas sobre ela⁴. Percebe-se que o espaço da comunicação comunitária é um espaço no qual ocorre práxis de atores sociais coletivos na busca de articulação e provocação, de forma a mobilizar as ações concretas que visam a melhoria da consciência política, e sobre suas condições de existência, tanto a nível local como nacional. Nessa perspectiva, ela entende que a comunicação comunitária se desenvolve de forma democrática por grupos populares, seja em um bairro, em espaços online ou cidades, de acordo com seus interesses,

4 Não encontramos nenhum trabalho que relacionou a comunicação comunitárias (as rádios comunitárias especificamente) com o processo de democratização, ou seja, pesquisa que veem as rádios comunitárias como espaço privilegiado para compreensão do processo de democratização. Os únicos que encontramos durante a pesquisa foram trabalhos de Miguel de Barros e Fatima Tchumá Camará “Rádios comunitárias e processo de recriação da cidadania ativa na Guiné-Bissau: sentido de pertença, direito a voz e apropriação do espaço”; Fatima Tchumá Camará “Papel da comunicação na construção da cidadania: caso da Rádio Voz de Quelele na Guiné-Bissau”; e o da Patrícia Paula “Rádio Comunitária “Voz di Povo”. A experiência africana da Guiné-Bissau e Moçambique. Todas essas pesquisas buscaram a relação das rádios comunitárias com a construção da cidadania.

necessidades e capacidade, e, mais importante, é feita pela própria comunidade, de forma a contribuir na solução dos problemas que afetam o seu dia-a-dia.

Porém, a democracia que buscamos discutir e articular com essa temática é a da perspectiva trabalhada por Boaventura de Sousa Santos (2002 e 2018), aquela que ultrapassa os limites da democracia eleitoral parlamentar compreendida através de participação popular no seu local de produção de vida, a partir das ações desenvolvidas pelas populações locais. Para esse autor, essa compreensão da democracia não é de invalidar ou eliminar a democracia representativa, mas sim de colocá-la em perspectiva, ou seja, articular a democracia representativa com a democracia participativa e mostrar que há uma necessidade de ampliação do seu marco de compreensão, e pensá-las através das ações advindas dos movimentos sociais da sociedade civil dentro do sistema democrático.

De acordo com Santos e Avritzer (2002, apud Florian, 2014: 113-114), a democracia deve ser entendida como um valor e não como um instrumento; portanto, se é um valor, não pode ser universalizada. Eles entendem que, na análise da democracia, o multiculturalismo deve ser levado em conta através do diálogo inter-relacional existente. Nesse sentido, essa relação deve ser feita entre “democracia como ideal e democracia como prática”.

É nessas duas perspectivas analíticas que se funda este trabalho, compreendendo-se que as rádios comunitárias têm um potencial democratizante através das suas ações dentro das comunidades, em que se encontra o entendimento da democracia a partir das ações dos atores sociais ligados às suas lutas através dessa ferramenta de comunicação. Então, a partir da dinâmica e do mecanismo de funcionamento das rádios comunitárias, podemos discutir e apresentar as possibilidades alternativas na democracia liberal.

4 - Rádio Comunitária enquanto Espaço de Contestação

É possível estudar a democratização a partir da comunicação comunitária através dos exemplos concretos com relação às formas de organização e às formas de canalização das demandas, principalmente a nível rural. Uma das formas de canalização de demandas das populações foi a criação da Rede Nacional das Rádios Comunitárias da Guiné-Bissau (RENARC), criada em 2005. A RENARC é uma associação que favorece a coordenação, cooperação e o intercâmbio e a promoção de emissores da rádio comunitária no país. Segundo os artigos 1^a e 2^a do seu estatuto, é possível verificar que esta é uma organização não governamental, não lucrativa, apartidária e não religiosa, constituída pelas rádios comunitárias da Guiné-Bissau sem fins lucrativos, e que promove um

modelo alternativo de comunicação para contribuir na democratização, que vai ao encontro de um equilíbrio do mundo novo de informação.

As rádios comunitárias, a partir da canalização de demandas, conforme colocado acima, possibilitam as articulações das dinâmicas sociopolíticas de democratização. Conforme afirma Rudebeck (2001), enquanto os cidadãos não forem capazes, de certa forma, de perceber que há razões concretas para assumir que ações públicas e coletivas podem contribuir na sua sobrevivência e também melhorar as suas vidas, existirá grande probabilidade de não haver alternativas aos problemas sociais. Nesse sentido, os contextos práticos das rádios comunitárias são importantes para as populações das comunidades, ou seja, no sentido de perceberem quais são os lugares de (re)produção de demandas sociais da comunidade.

As questões sobre saneamento básico, desporto, dedicatórias, educação cívica, pesca, agricultura, saúde, histórias e anedotas são os assuntos mais tocados/falados nas rádios, mas também há assuntos, como direito das mulheres e crianças, meio ambiente, educação cidadã e opinião pública, que estão na maioria das programações.

Segundo as programações que podemos verificar no site da RENARC, podem-se destacar alguns programas radiofônicas da maioria das rádios comunitárias da Guiné-Bissau, como: Rádio Balafo – “gestão de conflito”; Rádio Comunitária de Bafata – “espaço jovem” e “espaço cultural”; Colinas de Boé – podem-se de destacar assuntos sobre pesca responsável, a cultura, a tradição e o meio ambiente”; Rádio Cuntun Madina – sobre a “educação familiar” e “discos perdidos”; Rádio Comunitária de Djalicunda – alfabetização das mulheres; Rádio Djan-Djan – “Opinião: *Ke Ki Tem* (opinião: o que há)”; Rádio Escolar Eva – “educação: *No Cunsi Eva*” (educação – conheçamos a Eva); Forreá – “Ambiente: *No Popa No Mato*” e “*Nobas de Forreá* (Ambiente – vamos poupar o nosso mato; notícias de Forreá)”; Kassumai – Agricultura: “*Fala de Labrabur*” (Agricultura – fala de lavrador) e “*Infantis: Ami I Criança N’tene Nha Diritu*” (Infantis – eu sou criança tenho meus direitos); kosená – “direitos humanos”; Rádio Lamparam voz de cantanhez – “Ambiente: *No Matus Aos, No Matus Amanhan*” (Ambiente – nosso matos hoje, nosso matos amanhã) e “*Diritu de Minjer Ku Minino*” (direitos de mulher e de criança); Lua Nova de Quinhamel – “Bom dia Quinhamel” e “Voz de Comunidade Local”; Rádio Papagaio – “Direitos de Mulheres” e Pesca Responsável”; Rádio Jovem – “Direito de Criança e Mulher” “Associativismo Juvenil e Educação para Cidadania”; Sintchã Occo – “Jovens do Século XXI”; Rádio Comunitária Uler Abandi – “Opinião”, Voz de Algodão de Gabú – “Alfabetização das Mulheres”; Voz de Quelele – “Saúde Reprodutiva e

HIV-SIDA”, “Bom dia Quelele”, “Ponto de Vista”, “Mulher e Criança” e “Escola na Rádio”.

Na maior parte de seus funcionamentos, as rádios apresentam programas interativos e de animação livre, mas que servem também de espaço de reconhecimento, de expressão e visibilidade, da vivência e da convivência dos grupos sociais. Porém, apesar de apresentarem blocos noticiosos de outras rádios, também difundem notícias preparadas a nível interno da rádio. Talvez uma das principais novidades das rádios comunitárias seja a difusão das notícias em crioulo e nas outras línguas predominantes no país, principalmente nas regiões onde as rádios estão inseridas. De acordo com Barros e Camará (2015), as línguas⁵ como Balanta, Fula, Mandinga, Manjaco e Papel são faladas para abordar assuntos e temas de interesse da comunidade e do país, que os permitem participar da comunidade e das decisões locais. A nosso ver, essa facilidade que as populações têm de ouvir e falar a sua língua através das rádios cria espaços de inteligibilidade que permitem interlocuções de diversas camadas sociais da comunidade, e também de agentes possíveis e disponíveis.

Em uma pesquisa feita nas rádios comunitárias de Quelele e Fala Di Urok, Barros e Camará (2005) descreveram, por exemplo, o programa Cunsi no Diritu (conheçamos os nossos direitos), entendendo esse programa como um consultório jurídico participativo, com objetivo de dar apoio jurídico à comunidade de Quelele para a resolução dos conflitos por via da lei, e também criar consenso na comunidade. O programa conta com a participação dos convidados, na maioria das vezes juristas acompanhados de facilitadores e animadores do programa.

Na rádio Fala Di Urok, conta-se com o programa Teatro Popular, “escolhido como elemento do processo mobilizador da sociedade na área marinha protegida na comunidade de Urok”. É um programa, segundo esses autores, que possibilita a participação dos atores na sua produção, edição e apresentação. O programa passa no período noturno como estratégia que possibilita alcançar maior audiência da comunidade. Levando em consideração que, nesse horário, todos estão de volta dos seus afazeres e reunidos nos grupos de amigos, o rádio passa, assim, a ser um elo de ligação e de encontro para outras partilhas (Barros e Camará, 2005: 40). Independentemente da participação da comunidade na produção, edição e apresentação de programas, também é um espaço que entendemos como de potencial protagonismo juvenil, ou seja, um espaço de

5 As línguas citadas são, na realidade, dialetos, mas que neste artigo optei por chamar de línguas.

contestação política e liberdade de expressão, elementos importantíssimos para pensar a democracia e seus processos num determinado país.

No seu trabalho sobre participação política juvenil em contextos de suspensão da democracia, Miguel de Barros, sociólogo Guineense, afirma que a comunicação social em geral, e particularmente as rádios comunitárias, desempenhou papel importante na ampliação dos espaços de contestação política.

Miguel de Barros (2012: 172-173) estudou a articulação da música *rap* e a utilização das rádios comunitárias na cidade de Bissau como forma de visibilizar as denúncias e a reivindicação social e política por parte dos jovens. Para esse autor, as ações de alguns setores da sociedade civil, no caso sindicatos, igreja, organização não governamental, comunicação social e associações comunitárias, “contribuíram de forma decisiva quer para o ensaio à democracia, quer na promoção do desenvolvimento, no combate às desigualdades sociais e na melhoria das condições de vida das populações” (Koudawo, 2000, apud Barros, 2012: 172-173).

Neste sentido, as rádios tiveram papel indispensável nesse processo. Uma novidade que Miguel de Barros aborda é com relação aos programas radiofônicos dedicados ao *rap*⁶, a utilização de linguagem Calão nas músicas dos jovens e também suas participações nos programas radiofônicos.

Para Barros,

[...] estes aproveitavam as entrevistas no programa para fazer as suas gravações com mimica, batendo palmas e batucando na mesa. Tal fato fez com que o mercado de venda de beats abrisse as suas portas no país, fato que teve como corolário o desencorajamento de playback como meio de produção de música rap, em particular da música juvenil no capital (Barros, 2012: 174).

Um programa de mesmo caráter da promoção dos jovens foi iniciado na Rádio Jovem, de iniciativa de Rede Nacional de Associações Juvenis (RENAJ). Trata-se de uma iniciativa que, segundo Barros (2012: 176), é de dar corpo às dinâmicas de participação dos jovens para a conscientização perante os problemas e necessidades sociais. Para ele, “o propósito da rádio foi dar eco às vozes dos jovens e estimular a criatividade juvenil, bem como a promoção da mobilização dos jovens através do associativismo” (Barros, 2012: 176).

6 Um exemplo é o programa Rap Rapperus, o primeiro programa radiofônico dedicado à música *rap*, que começou a ser emitido em junho de 1996 nas antenas da rádio Pindjiguiti, na cidade de Bissau.

Destaca-se um dos programas da grelha de programação da Rádio Jovem, a “Ondas Culturais”, emitido de segunda-feira à sexta-feira, das 14h às 16h, em crioulo.

De acordo com Barros,

O programa trouxe novos talentos e valores da música jovem feita pelos guineenses, apresentou os seus currículos, deu-lhes espaço para entrevistas em direto, abriu linha telefónica para que estes dialoguem com os ouvintes, criou um top semanal/mensal/anual das músicas mais rodadas e ainda mobilizou-se para premiar os melhores músicos jovens da nova geração guineense, tudo isso aconteceu numa perspectiva voluntária, feita por jovens animadores que nunca antes tinham passado pelas escolas de jornalismo ou comunicação social (Barros, 2012: 176).

O que podemos perceber a partir dessa citação é que a “Ondas Culturais” contribuiu em encorajar a produção de músicas, como também para que a opinião pública e política começasse a observar e produzir um discurso público por parte, principalmente, dos jovens, mas não só daqueles que vão para as rádios, mas também do público ouvinte, por permitir que dialoguem via telefone celular. Esse aspecto é muito importante no sentido de que a rádio pode proporcionar esse diálogo na produção de opinião pública de pessoas que tem poucos meios e espaços para se expor sobre problemas do seu cotidiano.

Estabelecer esse diálogo conceitual e empírico a partir da canalização de ações, tanto das comunidades no sentido geral como da juventude de forma específica, para com as rádios comunitárias na análise da democratização, para nós, é de grande importância no contexto em que a Guiné-Bissau se encontra, contexto esse de instabilidades políticas, corrupção, tráfico de drogas e outros problemas sociais. Para tanto, é necessário compreender a democracia a partir do cotidiano das comunidades e das formas de participação nos assuntos dos seus interesses, o que se possibilita através das rádios comunitárias.

Na pesquisa realizada na Tabanca (aldeia) de Kandjadja⁷, sobre democratização, o pesquisador Lars Rudebeck (2001: 94) discutiu com a população local o que era para eles a democracia.

Em suas palavras, Rudebeck afirma:

[...] uma reunião em Kandjadja, em março de 1996, onde se discutiu comigo o significado para as populações locais da democracia recém-instituída. A

7 Kandjadja é uma aldeia na seção administrativa de Mansaba, na região Oio, Norte da Guiné-Bissau.

reunião tinha sido organizada pela RADI. Todos participaram vivamente nos debates, velhos e jovens, homens e mulheres. Um homem idoso referiu que o conceito de democracia era difícil de traduzir para mandinga. Ele é o interprete que traduzia de mandinga, chegaram a acordo de que a expressão mais próxima a que se podia chegar em português ou em crioulo era: “buscar a felicidade” (Rudebeck, 2001: 94).

Na sua interpretação, essa definição estava apontando para a “dignidade humana, justiça, e esforços comuns no sentido de obtenção de objetivos comuns”. Essa definição é importante na distinção da democracia como forma de governo com outras formas de democracia existentes. Neste sentido, esse entendimento sobre a democracia nos parece muito pertinente para aquilo que é a proposta da nossa pesquisa, que vai além da forma hegemônica de concessão da democracia, além das rádios comunitárias como ferramentas de comunicação que dão visibilidade a essa diversidade de entendimentos e ações das populações na divulgação de notícias, em que o receptor pode emitir e transmitir as informações.

5 - Considerações finais

Neste trabalho, propusemos-nos a estudar o processo de democratização da sociedade guineense. Encontramos nas rádios comunitárias, ou seja, na comunicação comunitária um espaço de praxe de movimentos sociais muito importantes para aquilo que é o objetivo da pesquisa, por ser um espaço de canalização e articulação das demandas das populações.

Percebemos, a partir desta pesquisa, que, nas rádios comunitárias, há a possibilidade de visualizar as pequenas ações de diferentes comunidades e de diferentes movimentos sociais dentro das comunidades, que lutam diariamente pela busca da melhoria das condições de vida, e trabalham para que realmente existam alternativas na forma de resolução de problemas sociais. Essas questões nos colocam perante um grande desafio enquanto pesquisadores: o de poder identificar essas pequenas ações de movimentos sociais e outros que estão empenhados nessa luta, e pensar na forma de canalizá-las e lhes dar maior visibilidade.

O interesse por essa temática surgiu na vontade de aprofundar o conhecimento interdisciplinar (comunicação social e sociologia), no sentido de entender qual o papel desta ferramenta de comunicação para a participação dos cidadãos nos espaços de contestação pública. Entende-se que as experiências das rádios comunitárias envolvem situações concretas e oferecem o campo fértil da observação das dimensões da diversidade étnica e cultural, que justificam

um olhar da coesão social nessas comunidades e, sobretudo, o estado da democracia e sua consolidação.

Com a grande diversidade étnica e cultural que a Guiné-Bissau apresenta, percebe-se que ela é sujeita a desafios da democratização da sociedade; a rádio comunitária nos parece um espaço muito importante para superar este desafio, além de que permite a compreensão sobre a participação cívica das populações, o estado da democracia e a defesa da identidade e da coesão social.

Referenciais:

- AUGEL, Johannes; CARDOSO, Carlos. *Transição democrática na Guiné-Bissau e outros ensaios: transição na Guiné-Bissau*. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, 1996.
- AVRITZER, Leonardo. Cultura política, atores sociais e democratização: uma crítica às teorias da transição para a democracia. *Revista Brasileira de Ciências*, São Paulo, v. 10, edição 28, 1995.
- BARROS, Miguel de; CAMARÁ, Fátima Tchumá. Rádios comunitárias e processos de recriação da cidadania ativa na Guiné-Bissau: sentidos de pertença, direito à voz e apropriação do espaço. E-Book'IS, Media Freedom and Right to Information in Africa, p. 31-44, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/9403/1/n1a03.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2021.
- BARROS, Miguel de. Participação política juvenil em contexto de suspensão democrática: a música rap na Guiné-Bissau. 2012, pp. 169-200. Disponível em: <<file:///C:/Users/galvi/Downloads/900-Texto%20do%20artigo-2272-2-10-20201215.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2021.
- BUSSOTTI, Luca. Plano Estratégico para as Rádios Comunitárias de Guiné-Bissau. Programa de Reforço de Capacidades dos Media Rádios Comunitárias. PAANE – Programa de Apoio aos Actores Não Estatais “*Nô Pintcha Pa Dizinvolvimentu*”, Ministério dos Negócios Estrangeiros, da Cooperação Internacional e das Comunidades, 2014.
- CARDOSO, Carlos. A transição democrática na Guiné-Bissau: um parto difícil. AUGEL, Johannes; CARDOSO, Carlos. *Transição Democrática na Guiné-Bissau e outros ensaios*. Bissau, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa – INEP, Coleção Kacu Martel, v. 10, 1996.
- FLORIAN, Diogo Pablos; SANTOS, Boaventura de Souza; AVRITZER, Leonardo. Para ampliar o cânone democrático. In: SANTOS, Boaventura de Souza (Org.). *Democratizar a Democracia: os caminhos da democracia participativa*. Rio de Janeiro Civilização Brasileira, 2002. (Resenha). *Conexão Política – Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da UFPI*, v. 3, n. 1, 2014, pp. 109-115.

- Disponível em: <<https://ojs.ufpi.br/index.php/conexaopolitica/article/download/3557/2041>>. Acesso em: 30 set. 2021.
- LOPES, António Soares; SOARES, T. T. Os Media na Guiné-Bissau. Bissau, Edições Corubal, 2015.
- PAULA, Patrícia. Rádios Comunitárias: “Voz di Povo”. A experiência africana: os casos da Guiné-Bissau e Moçambique. Lisboa: Modernidades y Media, 2010. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/2246/3/CIEA7_26_PAULA_R%C3%A1dios%20Comunit%C3%A1rias.pdf>. Acesso em: 30 set. 2021.
- PERUZZO, Cícilia M. Krohling. Comunicação nos Movimentos Sociais: o exercício de uma nova perspectiva de direitos humanos. Contemporânea Comunicação e Cultura, vol. 11, nº 1, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneapocom/article/view/6980/6087>> Acesso em: 30 set. 2021.
- PERUZZO, Cícilia M. Krohling. *Relações públicas, movimentos populares e transformação social*. São Paulo: INTERCOM – Revista Brasileira de Comunicação, v. XVI, n. 2, julho/dezembro 1993. Disponível em: <<http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/828>>. Acesso em: 30 set. 2021.
- PERUZZO, Cícilia M. Krohling. Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no junho em que “o gigante acordou”. *Matrizes*, São Paulo, v. 7, n. 2, 2013, pp. 73-93. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/69407/71976>> Acesso em: 30 set. 2021.
- RUDEBECK, Lars. *Democratização na aldeia* = “mudança”. In: Colapso e reconstrução política na Guiné-Bissau 1998-2000. Uppsala, The Nordic Institute, 2001.
- SANTOS, Boaventura de Sousa; MENDES, José Manuel. (Org.). *Demodiversidade: Imaginar Novas Possibilidades Democráticas*. 1. ed. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2018. (Epistemologias do Sul).
- SANTOS, Boaventura de Sousa; AVRITZER, Leonardo. Para ampliar o cânone democrático. pp. 39-82. In: SANTOS, Boaventura de Souza. (Org.). *Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.
- TEIXEIRA, Ricardino Jacinto Dumas. *Sociedade Civil e Democratização na Guiné-Bissau, 1994-2006*. Dissertação de mestrado, Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

FONTES consultados

A RENARC: endereço eletrônico http://renarc.adbissau.org/?page_id=4

Recebido em: 20/06/2020

Aprovado em: 06/03/2021

Como citar este artigo:

INDJAI, Mamadú e SILVA, Igor Monteiro. Comunicação no processo de democratização da sociedade: estudo sobre as rádios comunitárias na Guiné-Bissau. *Contemporânea* – *Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 11, n. 3, set. - dez. 2021, pp. 1087-1101

